



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA  
EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**GERUZA BARBOSA DA SILVA**

# **O PAPEL DA MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM ESCOLAR**

**JOÃO PESSOA - PB  
2014**

**GERUZA BARBOSA DA SILVA**

# **O PAPEL DA MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador (a): Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Mônica de Lourdes Neves Santana

JOÃO PESSOA - PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Silva, Geruza Barbosa da  
O papel da motivação para a aprendizagem escolar  
[manuscrito] : / Geruza Barbosa da Silva. - 2013.  
39 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:  
práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da  
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à  
Distância, 2013.

"Orientação: Profa. Dra. Mônica de Lourdes Neves Santana,  
Departamento de Educação".

1. Teorias da aprendizagem 2. Motivação 3. Aprendizagem  
escolar. I. Título.


21. ed. CDD 371.58


GERUZA BARBOSA DA SILVA


## O PAPEL DA MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM ESCOLAR

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 26 / 07 / 14

  
\_\_\_\_\_  
Profª Drª. Mônica de Lourdes Neves Santana  
Orientador (a)

  
\_\_\_\_\_  
Profº Ms. Jailto Luis Chaves de Lima Filho  
Examinador

  
\_\_\_\_\_  
Profª Ms. Eneida Maria Gurgel de Araújo  
Examinador

Dedico a toda a minha família.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a DEUS por tudo, por ter me dado força e sabedoria para alcançar meus ideais, por não ter me abandonado nos momentos mais difíceis e de angústias.

A minha mãe (*in memoriam*) por ter me apoiado e estimulado a continuar na minha busca por mais conhecimentos.

Aos professores que exerceram sua missão de contribuir com a melhoria do nosso aprendizado, e mais de nos ter firmado com o que buscávamos conhecimentos.

Aos amigos que não nos deixaram desistir da caminhada, nas horas de desesperos.

E também, a Universidade Estadual da Paraíba por nos dar a oportunidade de continuar com nosso aperfeiçoamento científico, através de um regime especial para os educadores.

*“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda”.*

Paulo Freire

## RESUMO

O presente estudo de natureza bibliográfica tem como objetivo analisar a importância da motivação para a aprendizagem escolar. A partir da revisão da literatura pode-se constatar que a motivação é vista como um dos grandes problemas enfrentados pela a educação brasileira e pode se originar na família, nas diferenças culturais e socioeconômicas ou na própria sala de aula. Por essa razão é fundamental que professores, pais e alunos busquem caminhos, tornem as aulas mais atrativas e condizentes com as necessidades dos discentes. É relevante o papel do professor como mediador desse caminho, devendo ele observar e criar situações para trabalhar e desenvolver as habilidades e competências dentro da sala de aula, para trabalhar a motivação entre os alunos. Em suma, motivação é fundamental para o processo ensino e aprendizagem, devendo o professor ser perspicaz para captar nos alunos as suas necessidades, adotando metodologias modernas, inserindo recursos didáticos que fazem os alunos ativar a curiosidade.

**Palavras – chave:** Teorias da Aprendizagem. Motivação. Aprendizagem escolar.



## **ABSTRACT**

This bibliographic nature aims to analyze the importance of motivation for school learning. From the literature review it can be seen that motivation is seen as one of the major problems faced by Brazilian education and can be originated the in family, in cultural and socioeconomic differences or in the classroom itself. For this reason it is essential that teachers, parents and students seek ways, become the classes more attractive and consistent with the learners necessities. It is relevant to the teacher's role as a mediator of this path, as he must observe and create opportunities to work and develop the skills and competences within the classroom, to work motivation among students. In short, motivation is fundamental to the teaching and learning process, the teacher should be insightful to capture in students their needs, adopting modern methodologies, inserting educational resources that make students activate the curiosity.

**Keywords:** Learning Theories . Motivation. School learning.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	09
1.1 Justificando a proposta investigativa.....	10
1.2 Objetivos.....	11
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	12
2.1 Tipologia de pesquisa.....	12
2.2 Universo e amostra da pesquisa.....	13
2.3 Área de execução da pesquisa.....	13
<b>3 ABORDAGENS E TEORIAS DA MOTIVAÇÃO</b> .....	14
3.1 Teoria comportamentalista.....	15
3.2 Teoria cognitivista.....	15
3.3 Teoria das inteligências múltiplas.....	17
<b>4 A MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR</b> .....	19
4.1 O papel do professor e da escola na motivação.....	25
4.2 Tipos de motivação.....	29
<b>5 CONQUISTANDO A MOTIVAÇÃO ATRAVÉS DO USO DE RECOMPENSAS</b> .....	31
5.1 Ações de incentivo a motivação.....	33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	38

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o papel da motivação para a aprendizagem escolar, buscando compreender fenômenos que interferem para que os alunos se sintam desmotivados à dedicação pela arte de explorar os multidisciplinares caminhos do conhecimento.

Na nossa experiência em sala de aula observa-se que o gosto pelos estudos tem sido dificultado pelo desinteresse dos alunos à aprendizagem, levando-os a crer que hoje um dos grandes problemas enfrentados pelas escolas brasileiras, especialmente as públicas é a falta de motivação entre os docentes. Essa realidade torna o processo de ensino e aprendizagem um desafio a ser enfrentado cotidianamente pelos professores, bem como por todos os profissionais que integram o universo da educação escolar.

Inúmeros são os motivos apontados pela literatura que contribuem para a presença da desmotivação e também o que isto pode trazer de consequências adversas para o desenvolvimento intelectual do aluno. Motivos de origem familiar, de diferenças culturais e socioeconômicas, assim como fatores que estão enraizados na própria sala de aula e que ocasionam o desinteresse do aluno em explorar o universo dos conteúdos sugeridos pelo professor.

Outro motivo que influencia na falta de motivação diz respeito aos recursos didáticos, bem como as práticas pedagógicas que já não seriam tão eficazes para imprimir no aluno o interesse pelas aulas.

Assim sendo buscamos reagir a uma “crise” no ensino fundamental que pode se estender aos outros níveis, como no ensino médio, procurando compreender a falta de motivação e diante disto fazer o seguinte questionamento: qual o papel da motivação para o processo ensino e aprendizagem?

Suponha-se que o professor deve fundamentar seu trabalho conforme as necessidades de seus alunos, considerando sempre o momento emocional e as ansiedades que permeiam a vida do aluno naquele momento.

Uma vez que a falta de motivação interfere negativamente no processo de ensino-aprendizagem é necessário compreender os fatores determinantes para esta falta, no sentido de que a partir de então o entendimento sobre esse assunto seja

ampliado e aprofundado, buscou-se a realização desse estudo cujo geral é analisar o papel da motivação para a aprendizagem escolar.

Estruturalmente a monografia contém três capítulos que representam os apontamentos teóricos, quais sejam: o terceiro capítulo trata das abordagens e teorias da motivação; no quarto capítulo, destaca-se a motivação no processo da aprendizagem escolar, evidenciando os tipos de motivação e o papel do professor e da escola na motivação e; quinto capítulo, que aborda a conquista da motivação através do uso de recompensas.

Por fim, apresentamos as considerações finais do trabalho, considerações essas envolvendo a parte teórica a qual subsidiou o presente estudo.

### 1.1 Justificando a proposta investigativa

Conforme dito anteriormente a elaboração do presente estudo tem como ponto de partida a nossa experiência em sala de aula, tanto no ensino fundamental, bem como no ensino médio, este com maior tempo de serviço.

Durante esse período acompanhamos a evolução do ensino/aprendizagem em uma instituição de ensino público, presenciando as diferentes etapas por que passaram toda comunidade escolar (educadores, alunos, pais). Neste acompanhamento se observou pontos positivos que proporcionaram o avanço na qualidade da aprendizagem, resultante, tanto dos recursos didático-pedagógicos, como também da atuação dos professores e participação dos alunos. Além disso, houve ocorrências negativas, como a falta de motivação dos alunos para continuar possibilitando a continuação de uma aprendizagem com qualidade. Essa realidade levou-nos a fazer uma reflexão sobre como compreender melhor o que estava acontecendo. Compreender o que motivaria os alunos a voltarem ao gosto pelos estudos.

Como se trataria de um ato reflexivo sobre o papel da motivação para a aprendizagem escolar, entendemos que era pertinente fazer tal ato mediante a posição de pesquisadores que registraram em literatura vários e diferentes estudos que se tratavam do tema em análise.

Assim, o presente trabalho representa o esforço de analisar a questão do papel da motivação na aprendizagem escolar, buscando identificar a sua influência no processo dinâmico do ensinar e aprender.

## 1.2 Objetivos

### a) Objetivo Geral:

Analisar o papel da motivação para a aprendizagem escolar.

### b) Objetivos Específicos:

1. Discorrer sobre teorias da motivação;
2. Descrever a motivação no processo da aprendizagem escolar;
3. Discorrer sobre o incentivo à motivação escolar.

## 2 METODOLOGIA

Neste capítulo é apresentada a metodologia que foi utilizada no desenvolvimento desta pesquisa e compreende os seguintes tópicos: tipologia da pesquisa, universo e amostra da pesquisa e área de execução da pesquisa.

### 2.1 Tipologia de pesquisa

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica, que tem como objetivo analisar o papel da motivação para a aprendizagem escolar.

Segundo Minayo (1995, p.21-22):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O trabalho a que se pretendeu realizar tem, portanto, características particulares reflexivas baseadas em fontes teóricas, isto é, buscamos subsídios estritamente bibliográficos, sem recorrer a um trabalho de campo propriamente dito.

### 2.2 Universo e amostra da pesquisa

Para a efetivação desse trabalho monográfico, a trajetória a que foi desenvolvida para a coleta de informações relevantes à produção da pesquisa, se fundamentou, numa revisão literária pertinente ao objetivo do trabalho.

### 2.3 Área de execução da pesquisa

As fontes bibliográficas foram levantadas e revocadas, e a partir delas se buscou evidenciar o que se pretendeu mostrar; mostrar analiticamente, o papel da motivação para a aprendizagem escolar.

Ainda sobre as fontes, a base das leituras foram as que tratam das abordagens teóricas da motivação, a motivação no processo de aprendizagem escolar, enriquecidas ainda de outras fontes, principalmente ligada à área da psicopedagogia, que acrescentaram ao tema o que se propôs trabalhar.

Para efeito metodológico, a pesquisa se utilizou de citações, interpretações e conclusões, visando sempre colocar em evidência o objetivo da pesquisa (LIMA, 2004).

### 3 ABORDAGENS E TEORIAS DA MOTIVAÇÃO

É remoto o surgimento do interesse do homem em discutir questões sobre a natureza do conhecimento e sua origem. Os filósofos da Antiga Grécia já debatiam questões e conceitos que seriam estudados pela atual psicologia. Platão já divulgava a ideia de que o conhecimento é sempre a projeção daquilo que já se sabe que está dentro de nós de maneira inata. Em contrapartida, seus discípulos Aristóteles rejeitava esta ideia divulgando a visão da tábula rasa, isto é, de que o conhecimento era adquirido através dos sentidos que dotam a mente de imagens que se associam entre si (ALENCAR, 1993).

Hoje existem teorias resultantes desta concepção associacionista do conhecimento e da aprendizagem. A teoria comportamentalista (behaviorismo) é o exemplo da principal delas, que estabelece o conhecimento humano sendo constituído exclusivamente por impressões e ideias. As impressões seriam os dados primitivos recebidos através dos sentidos, enquanto as ideias seriam cópias que a mente recolhe dessas mesmas impressões, que perdurariam, desaparecidas estas últimas. Assim a origem do conhecimento seria as sensações, até o ponto que nenhuma ideia poderia conter informação que não houvesse sido recolhida previamente pelos sentidos.

No entanto, as ideias não têm valor em si mesmas. Segundo Pozo (1999), o conhecimento é alcançado mediante a associação de ideias seguindo os princípios de semelhança, continuidade espacial e temporal, e causalidade.

Por considerar que o princípio motor do comportamento situa-se fora do organismo, à aprendizagem sempre é iniciada e controlada pelo ambiente, descartando, pois, o caráter biológico da aprendizagem. As leis da aprendizagem são igualmente aplicáveis a todos os ambientes, espécies e indivíduos, isto querendo dizer que só existe uma única maneira de aprender: por associação.



### 3.1 Teoria comportamentalista

O maior representante da teoria comportamentalista é Skinner que, na década de 30, divulgou o resultado dos seus experimentos com animais. O mais divulgado foi o que realizou com o rato dentro de uma caixa experimental que continha uma barra que, quando acionada, permitia que a água ou alimento ficasse ao alcance do animal. Depois de muitas sessões, ficou comprovado que o rato pressionaria a barra sempre que fosse colocado na caixa. Com isto, ficou evidenciado que o estímulo importante é o que segue imediatamente à resposta (FALCÃO, 1996).

Levando para o comportamento humano, Skinner acreditava que em escolas o comportamento dos alunos podia ser modificado pela apresentação de materiais e pelo oferecimento de recompensa. Chama isto de reforço, que é qualquer estímulo cuja apresentação ou afastamento aumenta a probabilidade de uma resposta. O reforço é positivo quando fortalece o comportamento e é negativo quando o afastamento fortalece o comportamento (MOREIRA, 1994).

Assim, um reforço positivo consiste em adicionar alguma coisa, alimento, água ou o sorriso do professor, ao ambiente do organismo e um reforço negativo consiste em retirar alguma coisa, um som muito alto, um choque elétrico ou uma carranca do professor, da situação. Nestes dois casos, a probabilidade de que a resposta ocorra é aumentada.

### 3.2 Teoria cognitivista

As crianças aprendem comportamentos, hábitos e conhecimentos de diversas maneiras e, tanto a psicologia quanto a pedagogia, explicam como esta aprendizagem se dá. São diversas maneiras de aprender, cada uma destacada por teóricos das mais variadas tendências. A criança inicia seu processo de conhecimento explorando os objetos que estão ao seu alcance, quando ela atua sobre eles. É o que acontece com um bebê de quatro meses ao segurar com as mãos um objeto: ele aplica o esquema de ação (assim denominado por Piaget, psicólogo suíço) que no momento se limita a segurar o objeto, puxá-lo, movê-lo, leva-lo á boca. À medida que tenha experiências com objetos, esses esquemas serão ampliados, diversificando-se e coordenando-se até chegar a condutas complexas diante das coisas que são próprias das crianças de um ano e meio: trata-se de uma verdadeira experimentação na qual faz uma análise do objeto, age sobre

ele e tira conclusões sobre as suas características as situações (se puxar a porta ela se abre, se pedir água a mãe aparece, entre outros) (POZO, 1999).

Por meio desses processos, Piaget chama de assimilação (aplicação do mesmo esquema a diferentes objetos e situações) e acomodação (pequenas mudanças que a criança introduz nos esquemas para adaptar-se a situações diferentes).

Durante toda a infância, a atividade sobre os objetos será muito importante, até que ao conseguir se comunicar pela linguagem, haverá uma variação no tipo de atividade que a criança fará para conhecer o mundo: ela passará a fazer operações mentais não visíveis, utilizando a linguagem como instrumento de pensamento. Na etapa da educação infantil, o contato com os objetos e a experiência que a criança tem através do jogo individual, em grupo ou com os pais ou professores, são situações de aprendizagem básicas que exigem, inclusive, que se dê esta oportunidade para o jogo, para a experiência e para a manipulação de objetos diversos, bem como a realização de experiências adequadas. A criança vive muitas experiências relacionadas com as situações da vida cotidiana que lhe permitem formar esquemas que a ajudam a prever e a antecipar o que é natural que aconteça em determinada situação na qual esteja envolvida. É importante haver experiências variadas no dia-a-dia da criança (NEGRINE, 1994).

Outros aspectos a ser levado em consideração, é que na etapa da educação infantil muitas vezes a aprendizagem se dá por imitação daquilo que as crianças veem no seu ambiente. Vygotsky (1972 *apud* OLIVEIRA, 1993), psicólogo russo, trata esta questão dando uma nova dimensão ao papel da imitação na aprendizagem, pois não via o lado puramente mecânico da repetição, mas como uma oportunidade de reconstrução daquilo que a criança observa ao seu redor.

Na educação formal, existe a compreensão de que por intermédio da imitação a criança aprende o professor e demais profissionais que atuam em creches e pré-escolas necessitam promover situações que permitam o desencadeamento do processo de aprendizagem sem correr o risco de propor atividades descontextualizadas visando exclusivamente à repetição sem sentido de um modelo observado. Para Vygotsky (1970 *apud* RÊGO, 1998), a criança não se limita a responder aos estímulos, mas atua sobre eles, transformando-os. Por isso, enfatiza a importância da mediação de instrumentos que se interpõem entre o estímulo e a resposta.

### 3.3 Teoria das inteligências múltiplas

O autor da teoria das inteligências múltiplas, o pesquisador norte americano Howard Gardner, desenvolveu seu estudos a partir da constatação de que existe um número desconhecido de capacidades humanas diferenciadas, em contraste com a teoria de Piaget. Sua concepção de inteligência ampliou na medida em que tinha uma visão pluralista da mente e definiu inteligência como a capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural. Além disto, Gardner se dedicou também a explorar as implicações educacionais da sua teoria com um trabalho voltado não somente para o desenvolvimento de currículo e da formação dos professores, mas também, para a criação de novas formas de avaliação (GARDNER, 1995).

Sua pesquisa colheu dados de várias fontes: a primeira, referente ao desenvolvimento de diferentes tipos de capacidades nas crianças normais; a segunda, referente à informação sobre o modo pelo qual estas capacidades falham sob as condições de dano cerebral; e a terceira, referente à observação de crianças prodígios, idiotas sábios (aqueles que são deficientes mentais com um talento altamente especializado em determinadas área: música, memória, entre outros), crianças autistas e crianças com dificuldades de aprendizagem.

A teoria das inteligências múltiplas, segundo Antunes (1998) está centrada nas origens biológicas de cada capacidade de resolver problemas restritos apenas à espécie humana sem deixar de vincular o aspecto biológico ao estímulo cultural nessa área. Exemplo, a capacidade de comunicação é universal e pode manifestar-se particularmente como escrita em uma cultura e como oral em outra (CATANIA, 1999).

Uma das particularidades da teoria das inteligências múltiplas é que a mesma reconhece as especificidades e potencialidades de cada ser humano e que quando interagidas desenvolve-se a convivência interdisciplinar, visando a coesão e harmonia do todo.

No cotidiano escolar os profissionais da área de educação ao decidirem optar pela concepção das inteligências múltiplas tem que pensar numa escola que tenha como objetivo desenvolver as inteligências e auxiliar os alunos a atingirem seus objetivos de ocupação e diversão adequadas ao seu potencial de inteligência. Reconhecemos que as pessoas têm forças cognitivas diferenciadas e estilos de

aprendizagem contrastantes, reconhecemos que alunos de diferentes idades têm necessidades diferentes, percebem as informações culturais de modo diverso e assimilam noções de diferentes estruturas motivacionais e cognitivas (CATANIA, 1999).

Adentrando na questão da motivação, Neves (2009, p. 01) acrescenta que:

Estudos comportamentalistas sobre a motivação dão ênfase no controle educacional, referindo-se ao tipo de reforço que se dá para uma pessoa. Oferecer algo interessante como resposta a um comportamento adequado é capaz de motivar, mantendo inclusive, a frequência deste mesmo comportamento. De outro lado, há contestação sobre o Comportamentalismo, definindo-o como um método limitador, tendo em vista uma resposta comportamental que ocorre apenas mediante uma proposta de reforço.

É no contexto educacional apresentado a seguir que compreenderemos melhor os pontos que norteiam a questão da motivação do comportamento em sala de aula.

## **CAPÍTULO 4 – A MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR**

No ambiente escolar o objetivo maior é a aprendizagem, onde o aluno tenha a motivação para descobrir o verdadeiro sentido da vivência escolar, aprendendo, numa relação comum e mútua entre docentes e discentes, os conhecimentos ali apresentados.

Por essa razão os professores precisam saber motivar os alunos para que eles tenham interesse pelas aulas. As atividades desenvolvidas em sala de aula precisam ser práticas e relacionadas com a vida diária dos alunos; as experiências vividas pelos alunos não devem ser desprezadas pelos professores, de modo que o aluno sintá-se valorizado entre os colegas; os exemplos utilizados pelos professores devem ser elaborados durante o planejamento das aulas, para que os mesmos sejam adequados para os alunos.

Os professores precisam ser dinâmicos, ativos e voltados para a compreensão do universo dos alunos; a metodologia utilizada deve envolver o aluno no processo, tornando-o participante, porque não há Educação se o aluno não participa, se o aluno permanece apenas como observador. Uma das variáveis que induz à evasão é a prática de professores que tornam os alunos passivos, meros observadores distantes.

E, finalmente, pode-se nomear ainda como saber necessário ao professor, a identificação das atividades profissionais que os alunos desenvolvem na vida diária para sobreviver, porque somente assim os professores compreenderão melhor as diferenças existentes entre os alunos, para que possam utilizar determinadas técnicas metodológicas adequadas e motivadoras a uma melhoria do nível de aprendizagem dos alunos.

O professor deve descobrir estratégias, recursos para fazer com que o aluno queira aprender, deve fornecer estímulos para que o aluno se sinta motivado a aprender. Ao estimular o aluno, o educador desafia-o sempre. Para ele, aprendizagem é também motivação, onde os motivos provocam o interesse para aquilo que vai ser aprendido. É fundamental que o aluno queira dominar alguma competência. O desejo de realização é a própria motivação, assim o professor deve fornecer sempre ao aluno o conhecimento de seus avanços, captando a atenção do aluno.

Reportando sobre as várias teorias da motivação já descritas, tem-se a teoria motivadora de processo que visa mostrar como o comportamento se origina e funciona. No âmbito da escola pode-se dizer, segundo a ótica de Tapia e Fita (2000, p. 9) que:

A motivação escolar é algo complexo, processual e contextual, mas alguma coisa pode fazer para que os alunos recuperem ou mantenham seu interesse em aprender. A sociedade, aos órgãos públicos e a outras instituições cabe encontrar soluções. Aos professores e equipe docentes cabe a reflexão.

Aos professores a reflexão, sim, mas também a consciência de que a aprendizagem é uma ação interativa e que vai de encontro com outra teoria da motivação: a teoria da hierarquia das necessidades proposta por Maslow e que no caso da motivação que poderá ser bastante observada pelos docentes. Na realidade essa hierarquia permite estabelecer uma clara relação entre o processo de aprendizagem e o nível de motivação do indivíduo para se autodesenvolver, a partir do aprendizado contínuo.

Maslow (*apud* PISANDELLI, 2014), explica que as necessidades humanas estão organizadas e dispostas em níveis, numa hierarquia de importância e de influência, como: necessidades fisiológicas, necessidades de segurança, necessidades sociais necessidades de autoestima, necessidades de auto-realização.

Na base da pirâmide estão às necessidades mais primitivas (necessidades fisiológicas) e no topo, as necessidades mais refinadas (as necessidades de auto-realização), cada uma delas com os seguintes significados.

Segundo Moraes e Varela (2007, p.04), essas necessidades:

Tendem a ser mais intensas, enquanto não forem satisfeitas; são as necessidades básicas para a subsistência. À medida que essas necessidades são satisfeitas, a motivação direciona-se para outra necessidade e passa a dominar o comportamento da pessoa. Assim o é para todos os níveis da pirâmide.

Na realidade, as necessidades fisiológicas estão relacionadas com a sobrevivência do indivíduo e com a preservação da espécie. São necessidades instintivas, que já nascem com o indivíduo. São as mais prementes de todas as necessidades humanas: quando alguma dessas necessidades não está satisfeita, ela determina fortemente a estrutura comportamental do homem.

As necessidades de segurança: constituem o segundo nível das necessidades humanas. São as necessidades de segurança ou de estabilidade, a busca de proteção contra a ameaça ou privação, a fuga ao perigo. Surgem no comportamento quando as necessidades fisiológicas estão relativamente satisfeitas. A partir do momento em que o indivíduo é dominado por necessidades de segurança, o seu organismo se orienta fortemente para a procura da satisfação dessa necessidade, alterando suas prioridades. A satisfação da necessidade de segurança tem grande influência no comportamento humano (MORAES, VARELA, 2007).

As necessidades sociais surgem no comportamento, quando as necessidades inferiores (fisiológicas e de segurança) encontram-se relativamente satisfeitas. Entre outras, as necessidades sociais estão relacionadas às necessidades de associação, de participação, de aceitação por parte dos companheiros, de troca de amizade, de afeto e amor. Pode-se considerar o letramento como uma prática social, a satisfação de uma necessidade que, no modelo atual de sociedade tem se transformado em imprescindível para a correta inserção do indivíduo no meio.

Segundo Pisandelli (2014), nem sempre têm sido assim. Historicamente, a escrita remonta suas origens a uma época situada aproximadamente a 5.000 anos antes de Cristo. Esta não surge de repente, mas é resultado de uma construção realizada lenta e trabalhosamente pelo ser humano, na busca imperiosa de uma forma de expressar, inicialmente e transmitir, a seguir suas ideias. Nessa época, a escrita, e o letramento não formavam parte de uma hierarquia dentro da evolução social, pois simplesmente não existiam.

Mas a necessidade de comunicação era premente. A escrita pode ser considerada como uma das principais causas do aparecimento das civilizações modernas e do desenvolvimento científico, tecnológico e social. Neste contexto, ela assume o papel de “elemento de poder e de dominação”. É nesta situação onde o domínio da leitura e escrita, passa a ser uma necessidade social definitivamente essencial para a evolução do indivíduo no seu meio.

Acreditamos que letramento é o que as pessoas fazem com suas habilidades para leitura e escrita, no contexto social em que atuam, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Pode-se considerar que o letramento é uma forma de adaptação ao meio.

Para Vigotsk (*apud* PISANDELLI, p. 01):

O letramento representa o coroamento de um processo histórico de transformação e diferenciação no uso de instrumentos mediadores. Representa também a causa de elaboração de formas mais sofisticadas do comportamento humano que são os chamados “processos mentais superiores”, tais como raciocínio, abstrato, memória ativa e resolução de problemas. Enfim, a alfabetização só ganha sentido na vida do adulto se puderem aprender algo mais que juntar letras. Junto com o aprendizado da escrita, eles precisam desenvolver novas habilidades cognitivas de compreensão, elaboração e controle da própria atividade. Precisam também criar novas motivações para transformar-se a si mesmos e ao meio em que vivem.

Fica desta forma caracterizado o letramento como uma das mais importantes necessidades sociais do indivíduo. Quando as necessidades sociais não estão suficientemente satisfeitas, o indivíduo torna-se resistente, antagônico e até hostil com relação às pessoas que o cercam. Nossa sociedade atual, a frustração das necessidades de amor e de afeição conduz à falta de adaptação social e à solidão. A insatisfação da necessidade social de letramento provoca, no indivíduo, um sentimento de incompetência e de incapacidade de pertencer ao meio, como membro participativo.

Esta sensação isola o indivíduo do meio e provoca uma queda muito forte na sua autoestima, e as necessidades de autoestima são as necessidades relacionadas com a maneira pela qual o indivíduo se vê e se avalia. Envolve a autoapreciação, a autoconfiança, a necessidade de aprovação social e de respeito, de status, prestígio e consideração, de confiança perante o mundo, independência e autonomia. A satisfação dessas necessidades conduz a sentimentos de autoconfiança, de valor, força, prestígio, poder, capacidade e utilidade.

A frustração pode produzir sentimentos de inferioridade, fraqueza, dependência e desamparo que, por sua vez, podem levar ao desânimo ou a atividades compensatórias que, em casos extremos podem provocar até sua destruição.

As necessidades de auto-realização são as necessidades humanas mais elevadas e que estão no topo da hierarquia. São as que permitem a cada pessoa identificar o seu próprio potencial e autodesenvolver-se continuamente. Essa tendência geralmente se expressa através do impulso de a pessoa tomar-se sempre mais do que é e de vir a ser tudo o que pode ser.



Enfim, essas necessidades tomam formas e expressões que variam enormemente de pessoa para pessoa. Sua intensidade e manifestação também são extremamente variadas, obedecendo às diferenças individuais entre as pessoas.

A Teoria de Maslow está claramente relacionada com as reações comportamentais que se observa em sala de aula, notadamente na educação escolar. Não se pode, nem se deve ignorar que o aluno, encontra-se influenciado e pressionado pelo ambiente e a comunidade a qual pertence (PISANDELLI, 2014).

Deve-se, ficar atentos aos sinais de mudanças de comportamento, de interesse, de motivação e outros, pois serão indicadores da existência de dificuldades ou problemas externos ao processo de aprendizagem. Essa mudança pode provocar consequências adversas no aluno, refletindo no seu aprendizado e na sua própria maneira de se comportar em sala de aula, que se sente desmotivado, tornando-se muitas vezes um aluno indisciplinado.

A falta de motivação para os estudos é, dentro da ótica de Maslow, um reflexo do que acontece em seu entorno. Em muitos casos, as escolas não estão suficientemente preparadas para enfrentarem a complexidade destes e de outros problemas atuais, nomeadamente os que se prendem com a gestão das suas tensões internas (FONTES, 1998).

Em torno do trabalho docente, a escola deveria buscar outros métodos de trabalho para serem colocados em prática, evitando assim, aulas monótonas, falta de estímulo para ensinar, entre outros. Na mesma linha de pensamento, Fontes (1998, p.7) vem afirmar que muitas vezes existe “a falta de capacidade para motivarem os alunos, nomeadamente utilizando métodos e técnicas ultrapassadas”; podem contribuir para o progresso da desmotivação.

Segundo pesquisa feita por Galvão (*apud* REGO, 1996) o comportamento desmotivado dos alunos está diretamente relacionado a aspectos associados à prática pedagógica, mais especificamente a ineficiência dessa prática desenvolvida, como o próprio autor aponta (1996, p.100):

Propostas curriculares problemáticas e metodologias que subestimam a capacidade do aluno (assuntos poucos interessantes ou fáceis demais), cobrança excessiva da postura sentada, inadequação da organização do espaço da sala de aula e do tempo para a realização das atividades, excessiva centralização na figura do professor (visto como único detentor do saber), e, conseqüentemente, pouco incentivo a autonomia e às interações entre os alunos, constante uso de sanções e ameaças visando ao silêncio da classe, pouco diálogo, entre outros.

Já Fontes (1998, p. 6) retrata a análise que deve fazer no quesito programas ou conteúdos escolares aplicados no processo ensino-aprendizagem, tendo em vista que, “no horizonte, qualquer programa escolar deverá ser próximo da realidade vivenciada pelos alunos e com temas agradáveis. Não sendo, será inútil, e só pode conduzir a situações de frustrações, desmotivação, indisciplina”.

Com relação ao estudo, a impressão que se tem é que mesmo representando algo enfadonho, chato, sem importância para uns, outros acham importante a aula dada e se incomodam com bagunças. Se for este o caso, faz-se necessário refletir sobre o método que o professor está utilizando em sua prática.

No que se refere ao entrosamento e relacionamento entre os alunos pode-se perceber que há a falta de respeito, visto que a brincadeira de jogar papel nos colegas, por exemplo, parece incomodar a turma ou pelo menos alguns, que querem prestar atenção e não se ligar em atividades extraclasse. E os motivos talvez dos alunos estarem brincando, seja da própria aula que não esteja motivando e agradando em termos de conteúdo, logo não irão se manter tranquilos por muito tempo (D'ANTOLA; 1989).

Essa premissa endossa a ótica de Tapia e Fita (2000, p.77), em que a motivação é um “conjunto de variáveis que ativam a conduta e a orientam em determinado sentido para poder alcançar um objetivo e estudar a motivação consiste em analisar os fatores que fazem as pessoas empreender determinadas ações dirigidas a alcançar objetivos”. E é justamente com base em fatores que favorecem a falta de motivação que os educadores e pais devem buscar os caminhos para estimular e motivar o aluno a assistirem e participarem das aulas.

É relevante destacar que a escola somente não tem condições de suprir todas as carências existentes na formação educacional e cultural dos seus alunos, compreendendo que o papel da família também é imprescindível no processo ensino-aprendizagem.

Neste contexto, segundo Perrenoud (2000 *apud* RAASCH, 2014, p. 14) é essencial o professor saber para ensinar bem numa sociedade em que o conhecimento está cada vez mais acessível, apresentando habilidades necessárias para organizar e dirigir situações de aprendizagem, administrar a progressão das aprendizagens, trabalhar em equipe, utilizar novas tecnologias.

No entender de Raasch (2014, p. 14)

Toda a instituição escolar deve participar ativamente do processo educacional, cada componente deve refletir sobre seu papel, conhecer cientificamente como as crianças e os jovens aprendem para planejar e agir em conformidade. A instituição deve proporcionar mecanismos de planejamento e trabalho cooperativo entre os educadores, visando uma formação do aluno regida pela complexidade dos conhecimentos, do mundo e da vida em sociedade. Levar o educando a querer aprender é o desafio primeiro da didática, do qual dependem todas as demais iniciativas. A interação grupal fortalece a autoestima do aluno, a convivência solidária e a visão de mundo que ele constrói. Nestes termos, as relações professor/aluno, aluno/aluno, família/aluno, professor/aluno/família e demais participantes do processo educativo devem ser próximas, intensas, abertas o suficiente para permitirem as trocas efetivas favoráveis ao melhor termo do processo ensino-aprendizagem.

São relações fundamentais para fazer renascer a motivação dos alunos a aprendizagem escolar, evitando, assim, que a desmotivação abra espaço para outras adversidades que retrocedem o processo ensino-aprendizagem, como a indisciplina, a evasão entre outros.

Os pais necessitam e devem passar para os seus filhos a importância da responsabilidade, respeito e noção convivência solidária e o professor buscar didáticas e práticas pedagógicas que desvendam as habilidades e potencialidades existentes no aluno, a fim de que ele se interesse e se envolvam com os conteúdos das disciplinas, com os conteúdos que dizem respeito aos conhecimentos, do mundo e da vida em sociedade.

#### 4.1 O papel do professor e da escola na motivação

Segundo Bzuneck (2001, p. 23) “o papel do professor e da escola em relação à motivação dos alunos tem como elemento desencadeante a constatação de que existem problemas, potenciais ou reais”. Porém o problema da motivação ou a falta dela, não é somente do aluno; na realidade, ele é o maior prejudicado, tendo em vista, muitas vezes, as contingências em que vivem e que repercutem também em sua vivência escolar.

Ao trabalhar a motivação em sala de aula requer do professor a atenção para as especificidades existentes no grupo discente, ou seja, a motivação de um poderá não ser a de outros. Para isso, a “regra” é conhecer em cada aluno o que necessitam e anseiam.

Por isso Bzuneck (2001, p. 24) afirma que:

Quando nos restringimos à sala de aula a que se distinguir duas funções distintas e complementares a serem cumpridas pelo professor. A primeira é de caráter remediador, e que consiste na recuperação de alunos desmotivados ou em se reorientar alunos portadores de alguma forma de motivação distorcida [...] A segunda função é preventiva e de caráter permanente, destinada a todos os alunos da classe [...] otimizada a motivação para aprender.

As duas funções são relevantes para combater problemas que poderão avançar com a questão da falta de motivação, como a indisciplina. De fato, quando partimos para observar o cotidiano de uma escola, verificamos situações de alteração do seu funcionamento ou da sala de aula, em função de certos comportamentos que não são os esperados pelos educadores nem adequados às situações propiciadoras de ensino e aprendizagem, além de não serem, em muitos casos, saudáveis para as relações de convivência pedagógica.

Percebemos que os alunos estão dispersos, não respeitam mais o professor, nem colegas, diretores e demais membros da escola e não se interessam pelos conteúdos aplicados em sala aula. É como se estivessem vivendo em outro mundo.

Fontes (1998, p. 6) retrata a análise que se deve fazer no quesito programas ou conteúdos escolares aplicados no processo ensino-aprendizagem, tendo em vista que, “no horizonte, qualquer programa escolar deverá ser próximo da realidade vivenciada pelos alunos e com temas agradáveis. Não sendo, será inútil, e só pode conduzir a situações de frustrações, desmotivação, potenciando situações de crescente indisciplina”.

Historicamente falando, na perspectiva vygotskyana, subtendemos que a indisciplina está presente em toda cultura, encontra-se em movimento e permeando de diferentes formas cada sociedade. Vigotsky (*apud* REGO;1996, p. 89) postula, que as características individuais do ser humano não são dadas através de pressões sociais nem a priori, mas sim a partir da interação do indivíduo com o meio. Segundo ele, essa relação do homem-meio-mundo não se dá de forma direta, mas acontece na aquisição e formação de conhecimentos, habilidades de raciocínio e procedimentos que lidem com o comportamento de cada sujeito.

A disciplina nesta ótica é vista por Vigotsky (*apud* REGO;1996, p. 87), como:

Um conjunto de parâmetros (elaborados pelos adultos ou em conjunto com os alunos, mas principalmente internalizados a uma convivência e produção escolar de melhor qualidade. A disciplina é concebida como uma qualidade, uma virtude e, principalmente, como um objetivo a ser trabalhado e alcançado pela escola),

Logo, fica evidente na perspectiva vygotskyana que o ensino e o aprendizado são aspectos imprescindíveis no desenvolvimento das características psicológicas típicas do ser humano, e que as informações, os valores, as habilidades, atitudes, posturas, resultam, pois da convivência, interação e do compartilhar desses e de outros elementos entre pessoas de uma mesma cultura. Entendendo a disciplina como uma virtude esta é construída nos processos de interação que se dão no interior da escola.

Para tanto o professor deve buscar estratégias adequadas que acendam nos alunos o desejo pelo novo, pela exploração de conhecimentos. Poderá ele adotar práticas que se vinculem as recompensas externas, porém, entendendo sempre que cada aluno representa um mundo diferente, sob diversas perspectivas, pois que, conforme ensina Bzuneck (2001, p. 25): “existem alunos com problemas mais profundos [...] o que sugere a necessidade de um programa específico, a ser elaborado para cada caso”.

Partindo do pressuposto de que o professor deva estabelecer relações amistosas com seu alunado, o mesmo não pode de maneira alguma ignorar as diferenças existentes entre seus alunos, visto que, somos únicos, imperfeitos e humanos. Por essa razão, o papel do professor em classe, de acordo com Bzuneck (2001, p. 26), do ponto de vista psicoeducacional, “mais do que remediar, é o de prevenir a ocorrência de condições negativas [...] e mais do que tudo, desenvolver e manter a motivação positiva as classe como um todo”.

Para promover a motivação positiva o professor deve rever certas crenças pessoais sobre motivação, abdicando de atitudes e comportamento negativos que só fazem dificultar o processo ensino-aprendizagem de maneira efetiva.

Nesse sentido Bzuneck (2001, p. 28) enfatiza que:

Em qualquer situação a motivação do aluno esbarra na motivação de seus professores [...] Parece importante que se considerem, antes de tudo, certas atitudes negativas e crenças errôneas que os professores podem abrigar e que colocam em risco seu trabalho de socialização da motivação positiva.

Compreende-se, pois, que a questão da motivação em sala de aula não está apenas direcionada aos alunos, mas também ao corpo docente, visto que as suas atitudes e comportamentos podem refletir na classe, contribuindo para que haja momentos de motivação ou a falta da mesma.

Sobre essa temática Moraes e Varela (2007, p. 10) explicam que:

Ao compreender aspectos da motivação neste período da vida, facilita ao adulto o entendimento sobre que tipo de ajuda poderá oferecer à criança, desde que haja um compromisso nesta relação. A sua presença é fundamental. A criança se sente motivada a executar muitas tarefas em virtude do reconhecimento e impressões daqueles com quem convive, na tentativa de demonstrar a sua evolução e as conquistas que realiza. Os bons motivos serão sempre a chave para o desenvolvimento natural da criança, além de gerar harmonia entre os elementos internos e externos, parte de nossa própria natureza humana.

Sendo assim, a forma como o professor conduz sua tarefa em sala de aula irá refletir na aprendizagem do aluno, isto é, há o *feedback* que tanto pode ser negativo, como positivo. E nesse sentido, caberá ao professor buscar meios didático-pedagógicos para imprimir no aluno uma motivação que desenvolva no mesmo o sentido do prazer em aprender, através das múltiplas possibilidades que as disciplinares oferecem.

Bianchi (2008, p. 21), endossa que:

Entende-se então que a motivação na aprendizagem é extremamente necessária e deve ser trabalhada no contexto em que os alunos estão. Assim, o professor que está disposto a assumir de fato as responsabilidades da sala de aula, indo além de matérias e currículo, mas pensando na relação estabelecida com o aluno, conseguirá mudar essa realidade encontrada nos dias de hoje que é a desmotivação.

O professor deve buscar, portanto, ser criativo, utilizar de diferentes tipos de motivação, adotando para cada caso, isto é, cada aluno, os recursos adequados e convenientes às necessidades específicas.

Essas possibilidades faz-nos remeter aos tipos de motivação existentes registrados na literatura e comentados por alguns autores, como veremos a seguir.

## 4.2 Tipos de motivação

Dois tipos de motivação tem sido amplamente incorporados no estudo com a perspectiva motivadora escolar: a motivação extrínseca e a motivação intrínseca.

Segundo Engelmann (2010, p. 45):

A motivação intrínseca tem sido associada diretamente aos construtos de competência, autodeterminação e autonomia, enquanto que a motivação extrínseca articula-se com a *performance* com vistas a uma recompensa fornecida por um agente externo.

Entende-se, pois, que a motivação intrínseca relaciona-se com as potencialidades do indivíduo, com a sua própria capacidade de buscar e exercitar a necessidades e aptidões, a fim de atingir a satisfação.

Guimarães (2001, p. 37) endossa que: “a motivação intrínseca é compreendida como sendo uma propensão inata e natural dos seres humanos para envolver o interesse individual e exercitar suas capacidades, buscando e alcançando desafios ótimos”.

Se é uma tendência natural do homem, então quer dizer que ele não necessita de fatores externos para sentir-se motivado, pois a fonte geradora da motivação está em seu interior e a utiliza para suprir as necessidade para inovar e criar.

No entender de Engelmann (2010, p. 46):

Uma observação importante neste aspecto é que as pessoas podem se manifestar como intrinsecamente motivadas para certas atividades enquanto que para outras não. Além disso, nem toda pessoa é motivada intrinsecamente para qualquer tarefa específica, significando assim que os indivíduos estabelecem uma relação com a tarefa ou atividade em si. Isto significa que o envolvimento intrínseco não é a manifestação de um traço de personalidade e, sim, um estado vulnerável a condições sócio-ambientais.

E é nessa perspectiva que se apresenta a motivação extrínseca, associada com as condições externas, as condições sócio-ambientais. Basta dizer que nesse tipo de motivação o indivíduo relaciona-se com a resposta a uma determinada situação com a qual ele poderá beneficiar-se, uma recompensa, por exemplo.

Para Guimarães (2001, p.46):

A motivação extrínseca tem sido definida como a motivação para trabalhar em resposta a algo externo à tarefa ou atividade, como para obtenção de recompensas materiais ou sociais, de reconhecimento, objetivando atender aos comandos ou pressões de outras pessoas ou para demonstrar competências e habilidades.

Em outras palavras a motivação extrínseca diz respeito à realização de uma atividade para atingir algo ou porque conduz a um resultado esperado, contrastando assim com a motivação intrínseca. Ela se caracteriza pela realização da ação pelo indivíduo, visando o reconhecimento ou o recebimento de recompensas materiais ou sociais, enquanto que a motivação intrínseca é tida como autônoma, a extrínseca se relaciona com o controle externo, conforme visto anteriormente.



## 5 CONQUISTANDO A MOTIVAÇÃO ATRAVÉS DO USO DE RECOMPENSAS

A aprendizagem por condicionamento foi por muito tempo uma espécie de ícone comportamentalista que, por sua vez, enfatizava a importância do ambiente. Sustentam que os seres humanos aprendiam exclusivamente reagindo a aspectos agradáveis, dolorosos ou ameaçadores de seus ambientes. Destacavam-se dois tipos básicos de aprendizagem através do condicionamento clássico e do condicionamento operante (ALENCAR, 1993).

Embora fáceis de observar em nosso dia-a-dia ou na ação de nossos alunos em sala de aula ou, sobretudo, no pátio da escola, o mais tradicional exemplo de condicionamento clássico reporta-se à experiência do fisiologista russo Ivan Pavlov (1849-1936), que descobriu acidentalmente que os cães usados em suas experiências tinham aprendido a associar o som da campainha à comida. Em nosso dia – a – dia se pode assimilar ou produzir essa forma de aprendizagem ao aprender uma resposta a um estímulo que não era desencadeado, após se associar o estímulo à resposta repetidas vezes.

Uma das mais tradicionais demonstrações de condicionamento clássico foi observada já em 1920 por Watson e Rayner, condicionando “Albert”, de 11 meses, a ouvir um estridente ruído ao tentar tocar em um rato branco de laboratório, condicionando-a a se apavorar mais tarde diante de qualquer rato. Felizmente, os padrões éticos atuais reprovam experimentos como os desses cientistas (CAMPOS, 1998).

Durante muito tempo, a aprendizagem através do condicionamento operante foi considerada a maneira mais importante de se aprender, cabendo ao psicólogo norte-americano B.F. Skinner (1904-1990) o privilégio de ter formulado pela primeira vez, seus princípios básicos. Desenvolveu-se, então todo um sistema de ensino apoiado nessa forma de aprendizagem e vendeu-se muito material escolar estruturado em perguntas e respostas, acompanhadas de um plástico colorido que destacava as corretas. Essas estariam, assim, sendo reforçadas e rapidamente aprendidas. Não se sabe, porém, por quanto tempo a mente guardava essas respostas reforçadas (CAMPOS, 1998).

Skinner (*apud* CAMPOS, 1998) acreditava que todo aprendiz tende a repetir uma resposta reforçada e a suprimir uma resposta que tenha sido reprimida. No

condicionamento operante, a consequência seguinte a um comportamento, denominado “reforço”, aumenta a possibilidade de que ele se repita. O reforço pode ser positivo, constituindo-se em uma recompensa, prêmio ou elogio, mas também poderá ser negativo. As ideias de Skinner modelaram as de muitos pais, professores que confundiam reforço negativo com “punição” e assim se esculpíram estruturas disciplinares que algumas vezes faziam do lar um reformatório e da escola um quartel.

Os condicionamentos clássicos e operantes podem ocorrer separada ou simultaneamente e desencadear comportamentos complexos. Embora válido para perceber a forma como algumas crianças aprendem, fragilizam-se para uso sistemático em sala de aula diante de novos estudos sobre o cérebro e a mente, bem como diante da popularização dos trabalhos de Jean Piaget e da perspectiva cognitiva de aprendizagem (CATANIA, 1999).

Pode-se observar que está em pauta aqui a motivação extrínseca, onde fatores externos contribuem para imprimir a motivação. Fatores externos representados pelo uso de recompensas os quais condicionam o comportamento motivador.

Segundo Ruiz (2004, p. 16):

O uso de incentivos extrínsecos para estimular a motivação do aluno baseia-se num enfoque comportamental (behaviorista) e os tipos de recompensas comumente usadas por professores com este intuito são: (1) *recompensas materiais* (dinheiro, prêmios, bugigangas, artigos de consumo e comestíveis); (2) *atividades recompensadoras e privilégios especiais* (oportunidades de praticar jogos, usar equipamentos especiais ou envolver-se em uma atividade escolhida pelo próprio aluno); (3) *notas, prêmios e reconhecimentos* (diplomas de honra ao mérito, certificados, estrelas); elogios e recompensas sociais e (5) *recompensas do professor* (atenção especial, interação personalizada, oportunidades de ir a lugares ou fazer coisas com o professor).

Observando essa posição é preciso atentar que muitos estudos indicam que os efeitos das recompensas dependem, principalmente, de *como e quando* são oferecidas, isto é, de condições para sua *efetividade*. E nesse caso é fundamental a postura do professor que deve administrar as ações de incentivo a motivação de forma direta e positiva.

### 5.1 Ações de incentivo a motivação

Frente a um quadro desmotivador entre os alunos em relação à aprendizagem e diante dos diferentes posicionamentos aqui citados sobre alguns pontos relacionados à motivação, podemos extrair algumas considerações. Quando se enfocou, principalmente, sobre a motivação através do uso de recompensas, um primeiro e importante ponto destacado como resultado de pesquisas recentes sobre a motivação do aluno é que as compensações são mais efetivas para aumentar a intensidade do esforço do que para aumentar a qualidade do desempenho. Elas tendem a guiar a aprendizagem mais efetivamente quando há uma meta clara e uma estratégia a seguir do que quando os alunos têm metas ambíguas ou quando descobrem (ou inventam) novas estratégias em vez de simplesmente utilizar as mais familiares.

Neste sentido, conforme ensina Ruiz (2004, p. 18) recompensas têm melhores efeitos quando utilizadas:

- (1) em tarefas rotineiras, em vez de em novas tarefas;
- (2) em tarefas cuja aprendizagem seja intencional e não incidental ou de descoberta; e
- (3) em tarefas onde um desempenho constante ou a quantidade de saídas (*outputs*) sejam a maior preocupação (e não a criatividade, a habilidade artística ou artesanal, por exemplo).

As recompensas também são efetivas como incentivos para se atingirem padrões de desempenho em habilidades que requerem um forte acordo quanto ao exercício e à prática (por exemplo: cálculos aritméticos, escalas musicais, digitação, ortografia). Neste caso, elas servem, talvez, como a mais importante estratégia para sustentar os esforços dos estudantes quando estes se deparam com tarefas que não surtam qualquer interesse ou motivação. E nesse conjunto de incentivos é primordial que toda escola seja envolvida para que o processo de ensino e aprendizagem flua positivamente.

Portanto, Bzuneck (2001, p. 31) endossa que:

Um fator de facilitação, porém crucial para o êxito nessa empreitada, é o envolvimento da escola como um todo. Isto é, exige-se que todos na escola – professores, a direção e a equipe de apoio pedagógico, atuem de forma uníssona na mesma direção.

Do ponto de vista motivacional, as recompensas externas só são efetivas para aqueles alunos que acreditam ter chances de obtê-las se se esforçarem razoavelmente. Assim, se um professor deseja criar incentivos para toda a classe e não apenas para os melhores alunos (em termos de suas realizações acadêmicas), deve assegurar que todos tenham igual (ou pelo menos razoável) acesso às recompensas. Caso contrário, os que não acreditam ter capacidade para consegui-las poderão nem tentar realizar a tarefa. Poderão, também, se sentir prejudicados, excluídos ou até injustiçados. Para que tais efeitos não sejam prejudiciais à motivação, o professor poderá fazer um contrato de desempenho ou usar um outro método formal de individualizar os critérios para o sucesso na tarefa, de acordo com as possibilidades de cada aluno.

A fim de maximizar a efetividade de recompensas do tipo simbólicas ou de reconhecimento aos alunos, algumas condições também devem ser observadas pelo professor, em sala de aula. Primeiro, o reconhecimento deve ser pela qualidade da realização (em vez de pela quantidade) e, em especial, o aluno deve obter reconhecimento por ter feito um trabalho desafiador ou por ter expandido suas capacidades (mesmo se cometer erros).

Também deve ser reconhecido por tentar usar formas diferentes ou pouco usuais para resolver problemas. Além disso, o professor deve usar critérios múltiplos para que possa adaptar o reconhecimento às diferenças individuais dos seus alunos, ao invés de utilizar sempre os mesmos critérios para todos eles e terminar por compará-los diretamente. É preciso, ainda, que tenha certeza de que o reconhecimento seja por realizações genuínas (isto é, dadas de acordo com o que é razoável esperar do aluno) e, finalmente, que ofereça reconhecimento em uma relativa variedade de domínios (atléticos, sociais, comunitários, por exemplo) e não meramente acadêmicos.

A literatura contemporânea também indica que, para que sejam efetivas, as recompensas devem ser concedidas, segundo Ruiz (2004, p. 19) de tal forma que: “(1) os alunos tenham um *feedback* informativo sobre seu desempenho e (2) sejam encorajados a apreciar o desenvolvimento de seus conhecimentos e habilidades”.

Para tanto, o professor deve oferecê-las como incentivos ao progresso, enfatizando suas principais metas instrucionais na escolha de critérios para a avaliação do desempenho e para a determinação de créditos de recompensas. Deve recompensar os alunos por dominar ideias e habilidades-chave (ou mostrar as

melhorias em seus níveis de domínio), mas não somente por participarem das atividades. Também precisa incluir provisões de recompensas para trabalhos que precisarem ser refeitos por não atingirem um padrão mínimo.

Por outro lado, ao explicar e administrar um sistema de incentivos, o professor deve enfatizar a importância da aprendizagem e ajudar os alunos a apreciarem e terem orgulho de suas realizações. Isto significa retratar as recompensas como comprovações da significância e da validade das tarefas realizadas por eles e não como um ponto final e completo em seus esforços.

Pela mesma razão anterior, uma última (embora não menos importante) recomendação dos estudiosos do assunto é que as recompensas devem ser oferecidas sem que sejam antes anunciadas e imediatamente após a conclusão da tarefa e compartilhada por todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, Bzuneck (2001, p. 31) explica que:

Num ambiente de cooperação e de outras interações positivas, o esforço e as iniciativas de cada professor, individualmente, terão mais eficácia em função do clima de apoio que cada um representa para seus pares. Ademais, as reações dos próprios alunos, sobretudo em termos de envolvimento com a aprendizagem, resultarão de suas percepções do tipo de cultura da sua escola e não apenas do que faz cada professor em classe.

Assim sendo, as recompensas tendem a ser vistas como expressões de apreciação e não simplesmente como a entrega de incentivos prometidos para a conclusão da tarefa. Por isso, é necessário que o professor conheça bem o ambiente ou contexto que o aluno está inserido e aplique metodologias que tragam o interesse pelo aprendizado.

Segundo Tapia (*apud* BIANCHI, 2011, p.24):

Algo que pode auxiliar os professores a compreender a motivação de seus alunos é observar seus comportamentos, o que dizem e o que fazem as crianças quando precisam realizar atividades relacionadas com a aprendizagem. Algo que pode auxiliar os professores a compreenderem a motivação de seus Alunos [...] é observar seus comportamentos, o que dizem e o que fazem as crianças quando precisam realizar atividades relacionadas com a aprendizagem, o professor deve estar sempre atento, podendo assim mudar suas práticas quando necessárias. Outro fato importante relatado pelo autor é que os professores podem conquistar a motivação de seus alunos mostrando, no início da aula, curiosidades relacionadas ao tema, e relatar a importância do conteúdo.

Na realidade são ações de percepção em que o professor necessita de muita mais que os conhecimentos adquiridos em sua formação. Necessita valorizar as crenças positivas voltadas a compreensão do ser humano como um todo.

Bianchi (2011, p. 24) conclui que “a possibilidade que um professor tem de mover seus alunos para a aprendizagem depende em grande parte de como ele mesmo enfrenta sua tarefa de ensinar”. Não deve esquecer também que a aprendizagem é recíproca, tendo o professor a oportunidade de junto com os seus alunos participarem de universo de conhecimentos que podem ser compartilhados em conjunto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa bibliográfica foram discutidos diferentes posicionamentos teóricos que fomentaram o estudo da motivação no processo de ensino e aprendizagem escolar. A motivação é vista fundamental para esse processo e inicia nas relações dentro família, que podem influenciar de forma negativa no desempenho do aluno, podendo se originar também na sala de aula, quando o aluno pouco se interessa pelo tema abordado.

A partir desta perspectiva é importante que o professor haja como mediador, que busca métodos para chegar desenvolver no aluno o gosto pelas disciplinas, especialmente quando a falta de motivação se faz presente, dificultando uma sequência didática previamente planejada. Nesse momento o professor por ser o mediador deve observar e criar situações para trabalhar e desenvolver as habilidades e competências dentro da sala de aula, para trabalhar a motivação entre os alunos.

Compreende-se que a realidade às vezes é dura e árdua para todos os educadores que querem uma aprendizagem eficiente. Mas é preciso que haja colaboração entre toda comunidade escolar; pois só se tem educação de qualidade para todos, se os sujeitos se sentirem motivados para transformá-la, haja vista, que o processo de ensino e aprendizagem está centrado diretamente para buscar a transformação do meio social, cultural e profissional com vista em adquirir conhecimento para sua formação e construir sua própria história de vida.

Em suma motivação é fundamental para o processo ensino e aprendizagem, devendo o professor ser perspicaz para captar nos alunos as suas necessidades, adotando metodologias modernas, inserindo recursos didáticos que fazem os alunos ativar a curiosidade. Outro ponto é que a escola não deve ser resistente à inserção de tecnologias que irão auxiliar ao exercício do aprender. Deve, sim, utilizá-las como forma de potencializar o espírito da motivação, pois que esta é o ponto de partida para se chegar a uma aprendizagem escolar plena e efetiva.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Soriano de. (org.) **Novas contribuições da psicologia aos processos de ensino e aprendizagem**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BIANCHI, Sara Rebecca. **A importância da motivação na aprendizagem no ensino fundamenta**. 2011. Disponível em: [http://www.ufscar.br/~pedagogia/novo/files/tcc/tcc\\_turma\\_2008/313653.pdf](http://www.ufscar.br/~pedagogia/novo/files/tcc/tcc_turma_2008/313653.pdf). Acesso em: 28 jun. 2014.

BZUNECK, José Aloyseo. A motivação do aluno: aspectos introdutório. In: BZUNECK, José Aloyseo; BORUCHOVITCH, Evely. **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da Aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1998.

D'ANTOLA (org), Arlette. **Disciplina na Escola: Autoridade versus Autoritarismo**. São Paulo: EPU, 1989. – Temas básicos de educação e ensino.

ENGELMANN, Erico. **A motivação de alunos dos cursos de artes de uma universidade pública do norte do Paraná**. 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2010>. Acesso em: 27 jun. 2014.

GUIMARÃES, Sueli Édi R. Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula. In: BZUNECK, José Aloyseo; BORUCHOVITCH, Evely. **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

FALCÃO, Gerson Marinho. **Psicologia da aprendizagem**. 9 ed. São Paulo: Ática, 1996.

FONTES, Carlos. **Modelos Organizativos de Escolas e Métodos Pedagógicos**. 1998. Disponível em: <http://educar.no.sapo.pt/index.htm>. Acesso em: 15 Jun.. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: A teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LIMA, Manolita Correia. **Monografia: a engenharia da produção acadêmica**. São Paulo: Saraiva, 2004.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1995.



MORAES, Carolina Roberta; VARELA, Simone. 2007. **Motivação do aluno durante o processo de ensino-aprendizagem**. 2007. Disponível em: [http://web.unifil.br/docs/revista\\_eletronica/educacao/Artigo\\_06.pdf](http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_06.pdf). Acesso em 28 jun. 2014.

MOREIRA, Marcos Antônio. **Ensino e aprendizagem: enfoques teóricos**. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1994.

NEGRINE, Airton. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil: perspectivas psicopedagógicas**. Porto Alegre: PRODIL, 1994.

NEVES, Fabiana. **O que é motivação?** 2009. Disponível em: <http://www.psicologaonline.com.br/psicologia/organizacional/o-que-e-motivacao/>. Acesso em: 20 fev. 2014.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizagem e desenvolvimento processo sócio histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

PISANDELLI, Glória Maria Veríssimo Lopes. **A teoria de Maslow, e sua relação com a educação de adultos**. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=455>. Acesso em: 23 mai. 2014.

POZO, Juan Ignacio. **Teorias cognitivas da aprendizagem**. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas S, 1999.

RAASCH, Leida. **A motivação do aluno para a aprendizagem**. Disponível em: [http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos\\_e\\_textos/Motivacao/motivacao%20do%20aluno.pdf](http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos_e_textos/Motivacao/motivacao%20do%20aluno.pdf). Acesso em: 25 Abr. 2014.

REGO, Tereza Cristina R. A indisciplina e o processo educativo: Uma análise na perspectiva Vygotskiana. In: AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. 7 ed. São Paulo: Summus Editorial, p. 85, 1996.

RUIZ, Valdete Maria. **A efetividade de recompensas externas sobre a motivação do aluno**. 2004. Disponível em: <http://ferramentas.unipinhal.edu.br/ojs/educacao/incluye/getdoc.php?id=77&article=21&mode=pdf>. Acesso em: 27 jun. 2014.

TAPIA, Jesús Alonso, FITA, Enrique Caturla. **A motivação em sala de aula: o que é e como faz**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2000.